

ELEMENTOS DA CONCEPÇÃO MARXISTA DO HOMEM

Frederico Costa¹
Maria da Penha Nunes Alves²
Suiane Kelly dos Santos Sales³

RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar a concepção de homem em Karl Marx (1818-1883), mediada pelas contribuições do pensador marxista húngaro György Lukács (1885-1971), que resgatou as bases ontológicas da obra marxiana. Tal perspectiva é fundamental para as ciências humanas, que buscam compreender os diversos aspectos do ser social. A pergunta sobre o que é o homem, em tese, deve preceder qualquer reflexão, estudo ou pesquisa sobre a realidade construída pela atividade humana, como, por exemplo, a práxis pedagógica no contexto da atual crise capitalista. Entendemos que Marx dá uma resposta inédita e satisfatória à problemática do homem. Por isso, ao compormos este artigo seguimos uma regra básica: nenhuma concessão. Tornamos a linguagem que trata de temas essenciais e delicados, a mais acessível possível, sem, contudo, simplificar ou adulterar conceitos. Os tempos de crise exigem, mais do que nunca, fundamentação das ideias, clareza na explicitação das divergências e confronto entre perspectivas antagônicas.

Palavras-chave: Marxismo. Trabalho. Ser social

1 A ESPECIFICIDADE DO SER HUMANO

O homem como qualquer ser vivo necessita estar em constante metabolismo com a natureza. Sem tal interação perene com o meio natural, comum a todos os animais, o homem não conseguiria os elementos essenciais para sua sobrevivência e reprodução como espécie. Daí a afirmação de Marx e Engels (1999) que:

¹ Doutor em Educação, professor da Faculdade de Educação de Itapipoca da Universidade Estadual do Ceará – FACEDI/UECE, editor da Revista Eletrônica Arma da Crítica e membro do conselho editorial da Revista Outubro.

² Bolsista de Iniciação Científica.

³ Bolsista de Iniciação Científica.

O primeiro pressuposto de toda história humana é naturalmente a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, pois, a organização corporal destes indivíduos e, por meio disto, sua relação dada com o resto da natureza (MARX & ENGELS, 1999, p. 27).

Isso levanta algumas questões. Até que ponto o homem pode ser considerado um ser natural? Qual o estatuto do fundamento natural do homem? Quais os limites e potencialidades postos pelo aspecto natural do ser humano? Bem, se Marx (2004) estiver correto:

O *homem* é imediatamente ser natural. Como ser natural, e como ser natural vivo, está, por um lado, munido de *forças naturais*, de *forças vitais*, é um ser natural ativo; estas forças existem como possibilidades e capacidades (*Anlagen und Fähigkeiten*), como *pulsões*; por outro, enquanto ser natural, corpóreo, sensível, objetivo, ele é um ser que *sofre*, dependente e limitado, assim como o animal e a planta, isto é, os *objetos* de suas pulsões existem fora dele, como *objetos* independentes dele. Mas esses objetos são *objetos* de seu carecimento (*Bedürfnis*), *objetos* essenciais, indispensáveis para a atuação e confirmação de suas *forças essenciais*. Que o homem é um ser *corpóreo*, dotado de forças naturais, vivo, efetivo, objetivo, sensível significa que ele tem *objetos* efetivos, sensíveis como objeto de seu ser, de sua manifestação de vida (*Lebensäusserung*), ou que ele pode somente manifestar (*äussern*) em objetos sensíveis efetivos (*wirkliche sinnliche Gegenstände*) (MARX, 2004, p. 127)

O que significa tudo isso? Em primeiro lugar, que o homem não é um ser especial no sentido de se destacar da natureza por obra de uma força transcendente, nem muito menos que por razão de suas carências e limitações ele seja um ente que só encontraria realização num absoluto sobrenatural. O homem é, em primeiro lugar, um ser *natural vivo*, isto é, *corpóreo*, *sensível* e *objetivo* que possui toda uma história evolutiva anterior – constituída pela dialética da aleatoriedade das mutações genéticas e da necessidade da seleção natural –, uma base biológica não eliminável. Mas, não só isso, o homem compartilha com os animais e as plantas, a esfera orgânica do ser, a dependência e a limitação de não ser auto-suficiente, pois os objetos de suas *pulsões* existem fora dele na natureza, os quais são indispensáveis para a atuação e confirmação de suas *forças essenciais*. O homem, como os demais seres da esfera orgânica, vive da natureza

por ser também parte dela: “[...] a natureza é seu *corpo*, com o qual ele tem de ficar num processo contínuo para não morrer” (Marx, 2004, p. 84).

O homem, porém, não é um simples ser natural que se adapta ao meio ambiente, segundo as leis da seleção natural. Municiado de suas próprias *forças naturais* – como, por exemplo, o cérebro grande e complexo, a visão binocular, o bipedismo, a habilidade manual e a potencialidade da “fala” – ele é um ser *natural ativo*, no qual essas forças apresentam-se como *capacidades e possibilidades*.

No entanto, do ponto de vista natural, a constituição física do homem é inferior à da maioria dos animais; não tem a pelagem necessária para manter o calor do corpo num ambiente frio; seu corpo não é tão eficiente para a fuga, defesa própria ou caça; não possui uma velocidade excepcional, uma coloração protetora ou uma armadura corporal; falta-lhe acuidade visual ou força muscular para lhe dar vantagem sobre sua presa ou defender-se. Não obstante tudo isso, a espécie *homo sapiens* historicamente demonstrou a superior capacidade de ajustar-se a diversos ambientes do que qualquer ser biológico, multiplicar-se mais rápido do que qualquer mamífero superior e, o fundamental, foi capaz de, subordinando a natureza às suas necessidades, constituir uma nova estrutura da realidade – a esfera social – não presente na natureza. O que propiciou, de fato, tal salto da esfera biológica para a esfera social?

Talvez um exemplo que ilustre a diferença qualitativa entre homens e animais seja um fato ocorrido durante uma das chamadas eras glaciais. Nela, tanto os homens como os mamutes conseguiram se ajustar àquelas condições climáticas extremas. No entanto, o destino final das duas espécies divergiu radicalmente: os mamutes extinguiram-se, os homens sobreviveram e tornaram-se senhores do mundo. Por que isso? De sua parte, o mamute era bem adaptado ao conjunto de condições ambientais de extremo frio. Porém, com as mudanças climáticas e a expansão de florestas, que cobriram as tundras extensas onde habitavam, a vegetação temperada avançou sobre os pequenos arbustos que os alimentavam. Assim, os especializados e bem adaptados mamutes tornaram-se impotentes diante das mudanças ambientais ocorridas. Suas características vitais como couro peludo, sistema digestivo adequado ao consumo de vegetação rasteira e estrutura corporal

constituída para andar na neve, transformaram-se em limitações insuperáveis nas condições climáticas do clima temperado. O homem, por sua vez, abandonou as vestes pesadas por outras mais condizentes com o clima mais ameno, criou outros instrumentos mais adaptados à nova realidade e substituiu a carne de mamute pela de outros animais. Noutras palavras, o homem demonstrou possuir uma capacidade específica de adaptar a natureza, em constante mudança e extremamente diferenciada, às suas necessidades.

2 O TRABALHO COMO ATIVIDADE VITAL HUMANA

De acordo com Marx, o segredo do desenvolvimento exponencial do gênero humano encontra-se no caráter específico de sua atividade vital. Podemos entender a atividade vital de qualquer espécie animal como o conjunto de características capazes de garantir sua existência e reprodução como espécie. De fato, é o fundamento sobre o qual cada animal singular na atividade de reproduzir a si próprio reproduz também a própria espécie, garantindo a continuidade desta. Por isso, diz Marx (2004, p. 84) que “[...] no modo (*Art*) da atividade vital encontra-se o caráter inteiro de uma *species*, seu caráter genérico [...]”.

Para Marx (*Ibidem*), o animal “[...] é imediatamente um com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É ela.” O que significa que, a atividade animal atende às necessidades de sobrevivência e reprodução, porém tal atividade está posta nos marcos puramente naturais, no sentido de estar determinada pela herança genética, numa relação imediata entre o animal e seu ambiente, satisfazendo, sob formas geralmente fixas – isto é, as que expressam a melhor adaptação ao meio –, as necessidades estabelecidas biologicamente.

Acrescentamos também que para o animal todo objeto da realidade circundante é inseparável das suas necessidades instintivas, o que faz com que sua

relação com o objeto não exista enquanto tal, independentemente do objeto⁴, ou seja, o animal não se distingue de sua atividade vital.

Porém, Marx (*Ibidem*) explica o seguinte:

O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem a atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade (*Bestimmtheit*) com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que a sua atividade é atividade livre (*Ibidem*, p. 84).

Portanto, na perspectiva marxiana a *atividade vital consciente* destaca o homem do restante da natureza, pois como sua atividade vital torna-se objeto da sua consciência, o homem ao entrar em relação com qualquer coisa – incluindo sua própria atividade – é capaz de fazer a distinção entre o objeto da sua relação e a própria relação, pois a:

[...] separação entre objetos que existem independentemente do sujeito, e sujeitos que podem refletir aqueles, por meio de atos da consciência, com uma aproximação mais ou menos adequada, e que podem convertê-los em uma posse intelectual própria. Esta separação entre sujeito e objeto que se fez consciente, é um produto necessário do processo de trabalho e, ao mesmo tempo, o fundamento da forma de existência especificamente humana (LUKÁCS, 2004, p. 82).

A partir disso, o reflexo da realidade não se confunde com o que é vivido. A atividade humana não é uma com o próprio homem. O homem não tem uma relação imediata com sua atividade vital como os animais, mas mediada pela consciência. Daí a possibilidade da liberdade, pois ao apreender o reflexo da realidade destacadas das relações imediatas que existem entre a realidade e o homem, este consegue distinguir as propriedades estáveis da própria realidade e as utilizar para a

⁴ “[...] também os animais se encontram numa relação com o meio ambiente; relação que se torna cada vez mais complexa, e finalmente se encontra mediada por um tipo de consciência. Porém, como esta se mantém no âmbito biológico, não pode se produzir uma separação e contraposição entre sujeito e objeto como a que tem lugar no homem” (LUKÁCS, 2004, p. 82-83).

satisfação de suas necessidades. Ele, mesmo de maneira rudimentar, põe sua atividade vital como objeto de projeção e reflexão consciente.

O homem é ainda um *ser genérico*, pois ele não tem apenas consciência de si mesmo como indivíduo, mas de sua própria atividade vital, isto é, o homem possui uma vida interior e outra exterior. Isso porque o ser humano se destaca da pura naturalidade ao fazer dela objeto para sua consciência, o que o torna um ente ativo que não se adapta simplesmente às condições naturais, mas que transforma conscientemente a realidade a sua volta. Daí a importância da sociabilidade e da linguagem na constituição da realidade humana.

No entanto, a consciência não é algo abstrato ou vinculado a uma transcendência espiritual, ou seja, destacado da mundaneidade. Por isso, Marx (2004) destaca a natureza sensível e mundana da consciência na atividade vital humana:

O engendrar prático de um *mundo objetivo*, a *elaboração* da natureza inorgânica é a prova do homem enquanto um ser genérico consciente, isto é, um ser que se relaciona com o gênero enquanto sua própria essência ou [se relaciona] consigo enquanto ser genérico. É verdade que também o animal produz. Constrói para si um ninho, habitações, como a abelha, castor, formiga etc. No entanto, produz apenas aquilo de que necessita imediatamente para si ou sua cria, produz unilateral[mente], enquanto o homem produz universal[mente]; o animal produz apenas sob o domínio da carência física imediata, enquanto o homem produz mesmo livre da carência física, e só produz, primeira e verdadeiramente, na [sua] liberdade [com relação] a ela; o animal só produz a si mesmo, enquanto o homem reproduz a natureza; [no animal,] o seu produto pertence imediatamente ao seu corpo físico, enquanto o homem se defronta livre[mente] com o seu produto. O animal forma apenas segundo a medida e a carência da espécie à qual pertence, enquanto o homem sabe produzir segundo a medida de qualquer espécie, e sabe considerar, por toda parte, a medida inerente ao objeto; o homem também forma, por isso, segundo as leis da beleza. Precisamente por isso, na elaboração do mundo objetivo [é que] o homem se confirma, em primeiro lugar e efetivamente, como *ser genérico*. Esta produção é a sua vida genérica operativa. Através dela a natureza aparece como a sua *obra* e a sua efetividade (*Wirklichkeit*). O objeto do trabalho é portanto a *objetivação da vida genérica do homem*: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectual[mente], mas operativamente, efetiva[mente], contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele (MARX, 2004, p. 85).

Até aqui notamos que a característica essencial da atividade vital humana é ser ela consciente e, portanto, algo específico e distintivo do homem em relação ao restante da natureza. Mas, a consciência não é algo derivado imediatamente de sua estrutura biológica, embora tenha como condição esta, pois sem cérebro não há possibilidade de pensamento. Foi no marco das condições sociais mais primitivas que surgiram os primeiros lampejos de consciência. Isso nos conduz ao caráter essencialmente genérico da atividade humana, por meio dele o homem se autoconstitui de maneira diversa da história natural. É do engendramento prático de um *mundo objetivo* – um mundo que não existia naturalmente – na *transformação* da *natureza inorgânica* que o homem se consubstancia em ser genérico, consciente. Através de sua atividade vital o homem se relaciona com o gênero enquanto sua própria essência e ao mesmo tempo consigo mesmo enquanto ser genérico. O que significa que a essência genérica humana não possui uma natureza mística ou incognoscível, mas que é objetiva e materialmente identificável na atividade própria do homem: é o *conjunto das relações sociais*.

Noutras palavras, é por meio de sua atividade vital consciente, ou seja, o trabalho⁵, que se expressa o elemento ontológico primaz da realidade humana, pois é na elaboração do *mundo objetivo* – isto é, a criação contínua pelo trabalho do mundo humano, imanentemente social – que o homem se confirma efetivamente como ser genérico. Isso porque o gênero para o homem não é algo abstrato e independente dos homens reais e concretos, mas está posto no trabalho, o núcleo de sua *vida genérica operativa*, que garante não apenas a sobrevivência dos indivíduos e sua reprodução biológica, mas também reproduz – garantindo a continuidade e desenvolvimento – as características do gênero humano, o qual não se reduz à mera soma dos indivíduos, mas se constitui pela totalidade das relações sociais, das mais simples às mais complexas. Esse novo mundo que surge a partir da vida produtiva humana, no qual a natureza aparece como sua obra e sua efetividade, é também objetivação da vida genérica do homem, em que o homem se duplica não apenas intelectualmente, mas operativamente por meio de seus projetos

⁵ Para Marx (2004, p. 114), a atividade vital consciente é sinônimo de trabalho: “[...] *toda assim denominada história mundial nada mais é do que o engendramento do homem mediante o trabalho humano, enquanto o vir a ser da natureza para o homem [...]*.”

que se efetivam materialmente, dando a possibilidade de contemplar-se a si mesmo num mundo criado por ele. Portanto, é o trabalho que alicerça a dimensão genérica do ser social, pois ele só é possível como atividade coletiva, isto é, só é realizável através da relação com outros homens.

Em síntese, é possível observar, a partir de Marx, que o trabalho / atividade vital humana, é algo ontologicamente diverso da atividade vital dos animais. Por meio de um processo que envolveu um largo espaço temporal, o trabalho estruturou-se e desenvolveu-se numa série de determinações que acabaram por superar o rígido padrão natural dos animais. Essas determinações não são encontradas no ser biológico. Elas de fato expressam um salto ontológico⁶ em relação à natureza. O trabalho é um novo tipo de atividade vital específico de uma única espécie, a humana. E os homens pelo trabalho destacam-se da natureza e afastam cada vez mais as barreiras naturais.

O interessante na perspectiva marxiana é a identificação de dois momentos indissoluvelmente ligados do processo de antropogênese, ou seja, de constituição do ser social como uma esfera específica regida por uma legalidade diferenciada da natureza: de um lado o trabalho revela o vínculo impossível de ser eliminado entre o homem e a natureza, e por outro lado expressa o caráter diferencial da atividade humana em relação ao processo de reprodução meramente biológico.

Por isso, é importante destacar que a especificidade do mundo dos homens reside no fato de no seu ato fundante, o trabalho, revelar-se uma ruptura com os mecanismos reprodutivos encontrados na esfera biológica. Lukács (2004) exemplifica tal ruptura ao destacar a radical diferença ontológica existente sob as aparentes semelhanças entre a forma de organização de determinadas espécies na natureza e a divisão do trabalho própria da sociabilidade humana:

[...] as chamadas sociedades animais (e também a “divisão do trabalho” em geral dentro do reino animal) são diferenciações biologicamente fixadas, tal

⁶ “[...] cada salto significa uma transformação qualitativa e estrutural no ser, na qual a fase inicial contém dentro de si determinadas condições e possibilidades das fases posteriores e superiores, mas estas não podem se desenvolver a partir da fase inicial segundo uma continuidade simples e retilínea. Esta ruptura com a continuidade normal da evolução é o que constitui a essência do salto, e não o surgimento, temporalmente súbito ou paulatino da nova forma de ser” (LUKÁCS, 2004, p. 60-61).

como se pode observar da melhor maneira no “Estado das abelhas”. Quer dizer, assinalamos, que a margem de como pode ter se constituído, uma organização semelhante, essa já não possui uma possibilidade de evolução imanente a partir de si mesma; não é mais que uma forma particular de adaptação de um animal em seu ambiente; e quanto mais perfeitamente funciona a 'divisão do trabalho' assim constituída, quanto mais firmemente se faz fundamentada no biológico. A divisão do trabalho na sociedade humana produzida pelo trabalho cria, ao contrário [...] suas próprias condições de reprodução, e, por certo, de tal maneira que a reprodução simples do existente em cada caso conforma só o caso limite da típica reprodução ampliada. Isto não exclui, naturalmente, a aparição de becos sem saída na evolução; suas causas, não obstante, se encontram sempre determinadas pela estrutura da respectiva sociedade, e não pela constituição biológica de seus membros (LUKÁCS, 2004, p. 61).

Assim, a atividade vital dos animais é sua *ancoragem biológica*, ou seja, sua atividade sustenta-se em determinações genéticas e relações biológicas com o meio ambiente que levam a uma estabilidade só perturbada por mudanças ambientais, mutações aleatórias ou pressões da seleção natural. Por isso, Lukács ilustra suas teses ontológicas levantando o exemplo do “Estado das abelhas”, cujas funções realizadas pelos membros que compõem a colmeia estão regidas pela necessidade biológica, limitam as possibilidades de desenvolvimento ulterior que leve à ruptura com o padrão reprodutivo de sua existência.

Já a atividade humana manifesta-se pela constante expansão de possibilidades do modo de reprodução de sua própria existência – possibilidades estas não mais unilateralmente determinadas pela naturalidade do seu organismo, mas mediadas cada vez mais socialmente. Noutras palavras, a reprodução no ser social, que tem como motor o trabalho, se realiza em condições diferentes do modo de reprodução próprio ao ser biológico. Portanto, no ser social as condições de reprodução são postas socialmente pela atividade consciente humana de transformação material da natureza, que tem como núcleo a objetivação de um projeto previamente idealizado – por mais tosco ou inconsciente que seja. O aspecto radicalmente novo do ser social está na forma da transformação material da realidade, que nele é determinada pelo pôr consciente de uma finalidade.

Assim, podemos concluir que a antropogênese, a qual coincide com a sociogênese, representa um salto em relação à esfera biológica. Isso porque a atividade originária do ser social - o trabalho - funda as determinações essenciais da

especificidade do gênero humano. O trabalho, como objetivação primária, não é apenas resultante da hominização, ele, ao mesmo tempo, é a causa e resultado dessa hominização; não é apenas produto típico do ser do homem, é o fundamento da própria condição de ser homem. O homem, sustentado em sua naturalidade, vai além dela porque em sua essência – que não é o imutável imposto pela natureza ou por qualquer espécie de transcendência espiritualista – é um ser que se institui a si mesmo por meio de sua atividade vital consciente. O segredo da antropogênese-sociogênese é o trabalho. O que impõe a qualquer estudo sobre um complexo determinado do ser social identificar, mesmo tangencialmente, alguns elementos básicos da categoria trabalho.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser social se caracteriza por uma complexidade que é inexplicável em termos de categorias naturais. A categoria trabalho além de revelar a essência do ser humano em sua característica imanente de viver em comunidade e de ter uma existência genérica, é o fundamento da própria comunidade humana, porque ao manipular de maneira orientada a natureza, ela produz relações tipicamente humanas, relações produtivas, sociais, linguísticas, axiológicas e culturais. Se existe a possibilidade posta de uma espécie evoluir para um padrão mais complexo de sociabilidade, foi o trabalho que impulsionou o salto dessa espécie geneticamente predisposta para a esfera do ser social.

Isso nos leva à necessidade de uma maior explicitação de alguns elementos do trabalho, que Marx (1987, p. 202), de maneira mais detida, em sua obra de maturidade, define da seguinte maneira:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de

apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais. [...] Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colméia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade (Marx, 1987, p. 202).

Partindo dessa conceituação marxiana de trabalho, podemos destacar algumas conclusões.

Primeira, o ser social não pode existir sem a natureza, mas diferente dos animais, o homem, por meio do trabalho, *impulsiona, regula e controla seu intercâmbio com a natureza*, pois como ser que tem como fundamento a natureza, utiliza-a como *uma de suas forças*. Assim, aproveitando as possibilidades do seu corpo, naturalmente posto, apropria-se dos recursos naturais *imprimindo-lhes forma útil à vida humana*⁷. O que significa, de um lado, que não há nada de sobrenatural na atividade humana, nem uma centelha divina ou qualquer elemento transcendental que oriente atividade humana em relação à natureza como uma alma ou espírito; por outro lado, é pelo e no trabalho que os elementos naturais, inorgânicos e orgânicos, tornam-se úteis à vida humana. Desta maneira, é por meio do trabalho que inicialmente a satisfação material das necessidades humanas são atendidas no intercâmbio com a natureza.

Segunda: quando o homem transforma a natureza, produzindo objetos para atender às suas necessidades, ele também se transforma. Inicialmente porque desenvolve novas habilidades necessárias, superando o que há de instintivo ou espontâneo sob o domínio da consciência que põe fins, para adequar a materialidade natural às suas exigências. E concomitantemente com isso, para

⁷ “Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou por tudo que se queira. Mas eles próprios começam a se diferenciar dos animais tão logo começam a *produzir* seus meios de vida, passo este que é condicionado por sua organização corporal. Produzindo seus meios de vida, os homens, os homens produzem, indiretamente, sua própria material” (MARX; ENGELS, 1999, p. 27).

superar a resistência que o ser natural expressa à sua adequação às necessidades humanas, é de fundamental importância o conhecimento da legalidade natural⁸ – por mais primitivo, espontâneo e até inconsciente que esse conhecimento seja – do setor específico da natureza que está sob intervenção da atividade humana. Por isso, ao modificar a natureza externa o homem desencadeia um processo em que desenvolve suas potencialidades adormecidas, submetendo ao seu domínio o jogo das forças naturais, por meio do aparecimento de novas habilidades, novos conhecimentos e, conseqüentemente, novas possibilidades de intercâmbio com a natureza e de socialização, isto é, começa a fazer história.

Terceira: em termos gerais, é através da capacidade de figurar na mente um projeto, antes de efetivá-lo, que a transformação da natureza é regulada e controlada pelo homem, pois o homem não limita apenas ao natural sobre o qual opera; o homem vai além, e reside aí sua especificidade. No processo de trabalho o homem *imprime ao material um projeto que tinha conscientemente em mira* – seja um machado de pedra ou uma indústria. Noutras palavras, objeto resultante do trabalho é algo inexistente na natureza, embora seja uma combinação de elementos naturais, como um primitivo machado de pedra, pelo contrário, é algo, em termos naturais, inédito no horizonte da natureza, porque é uma homogeneização de elementos heterogêneos: a finalidade previamente construída na consciência e os elementos naturais que obedecem a uma legalidade própria. Assim, o trabalho revela-se como o elemento fundante e predominante no desenvolvimento do ser social, pois é nele que primordialmente se produz o novo que impulsiona a humanidade para patamares cada vez mais complexos de sociabilidade. Nesse processo, é importante destacar, que a capacidade de projetar antecipadamente é a lei *determinante do modo de operar* da atividade humana de produzir objetos úteis à satisfação de suas necessidades. Por isso, Lukács (2004) diz que:

⁸ “[...] uma das condições objetivas do trabalho, de acordo com o ser, é que só um reflexo correto da realidade tal como existe, independentemente da consciência, pode consumir a realização de causalidades naturais indiferentes e heterogêneas em relação a posição do fim; pode consumir a transformação de ditas causalidades em causalidades postas e subordinadas à posição teleológicas” (LUKÁCS, 2004, p. 98-99).

[...] através do trabalho, se realiza uma posição teleológica dentro do ser material enquanto surgimento de uma nova objetividade. Assim é que o trabalho se converte, por um lado, em modelo de toda práxis social na medida em que nesta – ainda quando através de mediações muito diversificadas – se realizam sempre posições teleológicas, em última instância, de ordem material (LUKÁCS, 2004, p. 62).

O que significa que é a partir do trabalho⁹ que o ser social revela suas determinações estruturais, pois só no ato singular de trabalho o homem é capaz de agir teleologicamente, propor finalidades, antecipar metas. Assim, são criados artefatos, representações e símbolos que expressam uma nova forma de objetividade só encontrada no ser social. Antes de ser uma concessão ao idealismo, essa compreensão marxiana da teleologia além de ser uma radical ruptura com qualquer forma de idealismo e de religiosidade, representa também uma superação do materialismo anterior.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. 11. ed. São Paulo: Bertrand Brasil – DIFEL, 1987, v. 1.

_____; _____. **A Ideologia Alemã** (Feurbach). 11. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

LUKÁCS, György. **Ontologia do Ser Social**: os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979.

_____. **Per una Ontologia dell'Essere Sociale**. Roma: Ed. Riuniti, 1981, v. 1 e 2.

_____. **Ontologia del Ser Social**: el trabajo. Buenos Aires: Herramienta, 2004.

⁹ “[...] o trabalho pode servir de modelo para a compreensão das outras posições teleológicas sociais, já que o trabalho, de acordo com seu ser, é a forma originária [Urform] destas posições” (LUKÁCS, 2004, p. 62).